

Introdução

A expansão no campo do trabalho do historiador, tanto no que diz respeito a atores, quanto aos temas e objetos, foi contemplada neste estudo que se propôs a investigar aspectos da História da Educação utilizando, como fonte privilegiada, o uso de propagandas de instituições de ensino divulgadas nos jornais locais de Pelotas. Constituiu-se, portanto, intenção e objetivo dessa pesquisa investigar e analisar as características do processo educacional pelotense, na virada do século XIX para o século XX, divulgadas nos anúncios institucionais. Por isso, buscou-se detectar elementos nesses anúncios que diferenciavam, ou não, as instituições de ensino, observando a sua capacidade de despertar, na população, o interesse pela instituição de ensino e pela própria educação.

Dessa forma, este texto tem por objetivo divulgar parte dos resultados obtidos com essa pesquisa – especialmente no que se refere à cultura material escolar expressa nos anúncios das instituições de ensino de Pelotas, entre os anos de 1875 a 1910. A determinação do recorte temporal foi estabelecida levando-se em consideração dois fatores: o primeiro, e provavelmente mais importante, é que a propaganda torna-se, atualmente, uma das únicas fontes que informa sobre algumas instituições de ensino de Pelotas – principalmente no que se refere aos aspectos da materialidade dos espaços de ensino. O segundo fator relacionou-se à possibilidade de acesso ao acervo de jornais arquivados na Bibliotheca Pública Pelotense. Foram disponibilizados, para consulta, periódicos com publicações a partir do ano de 1875¹. Já o ano de 1910 está ligado ao fato de que, a partir da década seguinte, foram criadas escolas públicas – municipais e estaduais – e escolas particulares que, ao que tudo indica, configuraram um diferente perfil educacional para a cidade de Pelotas.

¹ É importante destacar que a Bibliotheca Pública de Pelotas possui jornais mais antigos do que os do ano de 1875, mas esses se encontram ou em um número reduzido, ou não são disponibilizados para consulta. Foram analisados seis exemplares de jornais com a periodização anterior ao ano de 1875 com títulos e anos distintos. Neles foi possível encontrar apenas um anúncio que não trazia nenhum elemento novo e relevante para a investigação. Optou-se, então, por estabelecer-se, definitivamente, o ano de 1875 como o início do período, levando-se em consideração o ano em que foi possível encontrar jornais com uma publicação diária.

Para a construção teórico-metodológica desta investigação utilizou-se os estudos de Roger Chartier, Viñao Frago, António Nóvoa, Luciano Faria Filho, dentre outros, capazes de dar suporte à construção desta investigação – que se apresenta também em razão de uma lacuna no que se refere à utilização da fonte propaganda nos estudos em História da Educação.

A diversificação de fontes: a imprensa e a propaganda

Antes de realizar uma investigação histórica, há que se ter em vista as críticas ou as contestações de certas posturas historiográficas presentes na ruptura dos paradigmas das últimas décadas do século XX. Segundo Pesavento (2003, p.9), essa ruptura:

não representa uma ruptura completa com as matrizes originais. Ou seja, foi ainda dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales que veio o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos de História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural.

Para Pesavento (2003, p.8), essa mudança se deu nos anos de 1970, ou mesmo antes em 1960, quando se iniciou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, que acabou “por ocasionar secções epistemológicas profundas pondo em xeque os marcos conceituais dominantes na História”. No panorama da história mundial, ainda havia então uma vertente interpretativa da história, que vinha desde o século XIX. Essa chamava a atenção para as discontinuidades dos tempos históricos e para a necessidade de se buscar os sentidos de cada momento do passado.

O que se observa, sobre as transformações no século XX, no campo dos estudos históricos, sobretudo na França, é uma crise dos paradigmas, uma descrença nas formas de interpretar o real, conflito esse que se instaurou no seio das ciências humanas. Para Luca (2005, p.112):

a face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes no território da História.

Com o alargamento dos temas abordados pelos pesquisadores, aos poucos foram também ampliados os usos das fontes e, assim, os historiadores da educação observaram que a História se faz a partir de qualquer vestígio deixado pelas sociedades passadas. Nesse mesmo sentido, Souza e Gatti Júnior (2004) apontam que:

toda essa compreensão do desenvolvimento na pesquisa em História, levou conseqüentemente, ao avanço das investigações em História da Educação. Devido ao avanço da investigação da história educacional brasileira o

conhecimento sobre as mais diferentes épocas e temáticas ampliou-se consideravelmente. Isso trouxe a possibilidade de recriação de um dos objetos da história da educação brasileira, a instituição escolar, trazendo à tona aspectos antes ignorados ou secundarizados. [...] começa-se a questionar o porquê deste prédio, o porquê destes alunos, o porquê destes professores. Qual era a situação política e econômica na época em que esta escola foi instalada.

Torna-se imperioso ressaltar que o investigador precisa ser capaz de problematizar a fonte, de lhe fazer perguntas, e de discutir sobre o seu conteúdo, já que as fontes não falam por si. São vestígios, testemunhos que respondem – como podem e por um número limitado de fatos – às perguntas que lhes são feitas.

As fontes permitem, então, encontrar e reconhecer. O pesquisador a encontra materialmente e busca reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção. “Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver” (RAGAZIM, 2001, p.14).

Novas formas de olhar e abordar as fontes também são responsáveis pela atenção que os textos impressos e os jornais vêm adquirindo nas pesquisas em Educação. Tais pesquisas vêm alargando seus interesses para práticas culturais, os sujeitos históricos e os produtos culturais. Assim, reflete-se sobre o fato de que a utilização da imprensa, para se investigar a História da Educação ganha, cada vez mais, espaço nas pesquisas realizadas na área da História da Educação.

O uso de novas fontes, então, não trouxe implicações somente para a seleção dos objetos a serem pesquisados, mas também mudou o tratamento dado a elas. Tão importante, quanto o documento, são as perguntas que o pesquisador formula sobre o mesmo. O ponto de partida, desse modo, torna-se um questionamento e não o documento por si só. É por isso, segundo Lopes e Galvão (2001), que se diz que uma fonte nunca está esgotada, já que enquanto existirem perguntas, o material não estará suficientemente explorado.

Diante do exposto percebe-se que o olhar da História ampliou-se, voltou-se para outras questões e problemas. Essa ampliação no campo do trabalho do historiador é, no presente texto, contemplada ao propor uma investigação sobre aspectos da cultura material escolar pelotense utilizando, como fonte privilegiada, os anúncios publicitários. Entende-se que esses testemunham características do cotidiano escolar de um período, ilustrando também uma concepção moral e social de um grupo de profissionais. Além disso, podem ser utilizados como um caminho para se estudar a vida escolar e o pensamento pedagógico através dos discursos veiculados dentro e fora do universo escolar. Este estudo foi elaborado, portanto, a partir desses pressupostos.

Antes de se apresentar a análise dos dados da imprensa pelotense, realizada na investigação aqui relatada, pensa-se, porém, ser necessário discutir algumas idéias expostas por Reverbel (1981). Segundo ele, apesar do aparecimento tardio da imprensa em Pelotas – em relação à cidade de Porto Alegre – logo que ela se instalou equiparou-se à da capital. Já a partir de 1870, surgiu, em Pelotas, o prelo de ferro e, logo em seguida, a máquina a vapor, que agilizaram a editoração e a produção jornalística, viabilizando a sustentação de periódicos diários.

No período de seu apogeu econômico e cultural (1860-1890), conforme apontado por Magalhães (1993), Pelotas chegou a ter uma dezena de jornais com circulação simultânea. Pelos estudos de Loner (1998) observa-se que, dos jornais existentes na cidade, no período investigado, os que tinham uma periodicidade diária eram os seguintes: *Correio Mercantil* (1875), *A Pátria* (1886), *Diário Popular* (1890), *Tribuna Federal* (1893), *A Opinião Pública* (1896) e *A Reforma* (1906-1911). Segundo a pesquisadora, esses jornais, no princípio da República Velha, costumavam ter duas folhas, impressas dos dois lados, com um tamanho variável entre 45cm x 62cm e 41cm x 60cm. Era comum que as duas primeiras páginas fossem dedicadas às notícias; na terceira, essas dividiam espaços com os anúncios e os editais; e a última era constituída integralmente por propagandas. Vale ressaltar que todos esses periódicos foram objeto de consulta para a construção deste texto.

Para Rüdiger (1993, p.47), o *Correio Mercantil* de Pelotas foi o introdutor do uso de maquinários de gás na imprensa da província, tornando-se um dos primeiros jornais a estabelecer serviço telegráfico regular para transmissão de notícias. Ainda em 1881, apesar do alto custo, seu fundador, Antônio Dias, conseguiu montar uma estrutura empresarial em seu jornal. Dessa maneira, a imprensa pelotense foi deixando de ser artesanal, com publicações esporádicas e eventuais, para se tornar industrial, com a circulação de exemplares diários.

Já no princípio do século XX, ocorreu em Pelotas a difusão de duas grandes complementações às técnicas até então utilizadas na impressão: o uso da fotografia nas ilustrações das publicidades e crônicas, em substituição aos desenhos, e a utilização do sistema de impressão *offset* (1904) que ampliaram enormemente o campo de aplicação litográfica. Esta passou, segundo Crato (1992), a ser gradativamente utilizada em maior escala na publicidade para, posteriormente, ser empregada nas reportagens jornalísticas. A imagem, então, nos jornais locais assim como no resto do Brasil e do mundo, surgiu para ilustrar e auxiliar o texto impresso.

A fonte privilegiada por esta investigação, a propaganda, foi um meio muito utilizado pelas instituições de ensino de Pelotas para se comunicar com o seu mercado consumidor – até porque, naquele momento, o jornal era o meio de comunicação mais popular e difundido no Brasil. Ao utilizar a propaganda como forma de expressão e divulgação dos estabelecimentos de ensino, seus dirigentes deixaram registrado, no conteúdo dos anúncios, dados importantes sobre o passado da cultura material escolar pelotense – na virada do século XIX para o século XX.

Trajetórias da pesquisa: a imersão nos acervos

Primeiramente entendeu-se necessário realizar uma pesquisa exploratória para que se pudesse desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias iniciais – tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para o estudo posterior (GIL, 2007). Ao desenvolver a etapa da pesquisa exploratória pretendeu-se proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, do que era divulgado pelas escolas em seus anúncios. Durante essa etapa, que durou aproximadamente três meses, as seguintes questões foram investigadas: que escolas havia na cidade de Pelotas e quem eram os seus professores?; o que elas anunciavam?; qual a ênfase dada aos saberes escolares, à disciplina, e às propostas pedagógicas?. Esses questionamentos foram fundamentais para a análise das fontes e para uma posterior organização de categorias de análise. Neste estudo, como já mencionado, a categoria de análise contemplada será, especialmente, a cultura material escolar.

Viñao Frago (1995) concebe a cultura escolar como aquele conjunto de práticas, normas, idéias e procedimentos que se expressam em modos de fazer e pensar o cotidiano da escola. Segundo ele, a cultura escolar é ainda:

la historia cotidiana del hacer escolar – objetos materiales – función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición – y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas (VIÑAO FRAGO, 1995, p.68).

Já para Escolano (1990, p.7), na educação os materiais são vestígios e registros das finalidades culturais da escola:

los textos, el mobiliario, los espacios y todos los elementos que componen el utillaje escolar hablan también de nuestros modos de pensar y de sentir, de los sistema de valores que informaron la educación, de la intrahistoria de la escuela y de las relaciones de ésta com la sociedad de cada época.

Como referido anteriormente, o principal acervo utilizado para a realização da pesquisa foi o da Bibliotheca Pública Pelotense. Em um primeiro momento, no intuito de rastrear os anúncios publicados pelas instituições de ensino, foram investigados quatorze

títulos de jornais, de diferentes anos, que circulavam em Pelotas. São eles: *Jornal do Comércio*, *Correio Mercantil*, *A Discussão*, *A Nação*, *A Tribuna Federal*, *Nacional*, *Onze de Junho*, *Opinião Pública*, *Rio-Grandense*, *O Nacional*, *Diário de Pelotas*, *Diário Comercial*, *Diário Popular* e a *Gazeta da Manhã*. Com a indicação dos nomes dos professores e dos endereços das instituições de ensino, obtidos por meio dos anúncios, em um segundo momento buscou-se outras fontes, publicadas durante os anos compreendidos pela pesquisa, que trouxessem mais elementos sobre o espaço urbano pelotense e sobre os docentes. Dessa forma, manuseou-se, também, os *Relatórios da Intendência de Pelotas*; os *Relatórios da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior do Rio Grande do Sul*; os *Relatórios de entrega da administração da Província do Rio Grande do Sul*; as *Estatísticas Demográficas de Pelotas*; os *Anuários do Estado do Rio Grande do Sul*; o *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*, bem como diferentes volumes de cinco revistas ilustradas existentes na cidade de Pelotas. Essas fontes, também encontradas na Bibliotheca Pública Pelotense, auxiliaram significativamente no reconhecimento dos sujeitos que lecionaram na cidade, além de indicarem informações importantes sobre a localização das escolas, dados que serão expostos posteriormente.

Sendo assim, a construção do *corpus* documental, constituído pelas fontes aqui citadas, tiveram por objetivo responder as questões propostas pela investigação, assim como confrontar e complementar os dados obtidos por meio das diferentes fontes acessadas – que auxiliaram na formulação de algumas reflexões sobre as instituições que aturam em Pelotas, presentes neste texto. O acesso aos acervos em busca das fontes foi, sem dúvida alguma, de importância vital para os encaminhamentos realizados na pesquisa.

Paralelamente à etapa exploratória, utilizou-se, como metodologia para pesquisa, a análise documental. A pesquisa documental, segundo Gil (2007, p.66), “vale-se de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Para Gil (2007, p. 66), esses documentos podem ser de primeira mão, ou seja: aqueles que ainda não sofreram uma problematização “tais como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, filmes, fotografias, etc”.

Para analisar esses dados, também foram utilizadas outras investigações da área da História da Educação, do Brasil, Regional e local, que contemplassem o período histórico estudado. Além disso, investigou-se também a legislação educacional da época; bem

como teorias da comunicação social, especialmente estudos sobre a Propaganda e sobre o Marketing Educacional, que sustentassem a análise dos anúncios encontrados.

Ao final de um ano e meio de pesquisa foram analisadas, aproximadamente, 14.400 unidades de jornais, totalizando a catalogação, dentre as propagandas não repetidas, de 598 anúncios de escolas privadas – entre femininas, masculinas e mistas. A partir desses anúncios identificou-se 82 instituições de ensino que publicavam anúncios nos jornais, entre privadas e públicas, femininas, masculinas e mistas, que atuaram em Pelotas durante o período pesquisado, compreendido por trinta e cinco anos. Foram arrolados, com base nos anúncios institucionais, os nomes de 204 professores(as) que lecionavam nas instituições de ensino – sem contar aqueles que davam aula em casas particulares. Com isso, o foco se deu nas instituições que abrigavam um número superior a um aluno, e não nas aulas particulares, escolas em que existia, normalmente, mais de um professor responsável pelos discentes.

Das propagandas localizadas, copiou-se, em um primeiro momento, o texto de todas as inéditas. Em um segundo momento, fotografou-se aquelas que continham dados mais completos, ou que eram mais adequadas para as discussões realizadas – o que resultou em 110 imagens.

Um dos elementos identificados, por meio das propagandas das instituições de ensino localizadas, foi o destaque especial dado para a localização e para a estrutura física das escolas. Esses dados serão apresentados a seguir.

A Propaganda das Instituições de Ensino de Pelotas dando visibilidade à Cultura Material Escolar

Durante a segunda metade do século XIX, Pelotas abrigou um número expressivo de instituições de ensino particulares primário, e mesmo de humanidades. Naquele período, a cidade recebia estudantes oriundos de outras localidades do estado, que se deslocavam de sua terra natal para, em Pelotas, obter o ensino de qualidade que procuravam.

O cenário abordado por esta pesquisa, os anos de 1875 a 1910, foi de ascensão e declínio das charqueadas, o que aumentou a oferta de serviços urbanos. A diversificação de atividades econômicas, voltadas para o comércio e o serviço colocou a educação em posição fundamental, influenciando, então, o desenvolvimento da cidade.

Assim, diante desse panorama, de desenvolvimento da educação, verificou-se, a partir das propagandas das instituições de ensino encontradas na pesquisa, que existia, por parte dos diretores dos colégios, a exposição de aspectos da cultura material escolar

– principalmente no que se refere à estrutura física das instituições. Além disso, as escolas de caráter privado, tanto para o sexo feminino, quanto para o masculino, evidenciavam, em seus anúncios, a localização da instituição, as disciplinas que eram oferecidas, o programa e os livros adotados, bem como seu corpo docente.

É importante destacar que as instituições precisavam manter os pais de seus alunos informados – caso houvesse alguma modificação no contrato firmado. Essa realidade ficou evidenciada no Art.107º, parágrafo 2º, do Decreto Nº 1331, de 17 de fevereiro de 1854, no Capítulo Único “do Ensino particular primário e secundário”, quando foi vetado aos diretores:

mudar, sem previa declaração e licença, o caracter de seu estabelecimento, quer estendendo o programma, quer deixando de observar e de cumprir os empenhos tomados com as famílias nos prospectos ou annuncios (TAMBARA e ARRIADA, 2005, p.64).

Talvez seja por isso que algumas instituições divulgavam, com freqüência, anúncios que expunham, por exemplo, os professores que eram acrescentados ou não ao quadro; alteração de início de semestre; mudança no horário de funcionamento da instituição, entre outros elementos verificados.

Um ponto interessante observado acerca do espaço escolar foi a ocorrência de instituições utilizando prédios distintos para o ensino secundário e primário, fato esse que ilustrou uma realidade encontrada no período analisado: que, em algumas, os alunos ficavam misturados, independentemente do nível de ensino em que estariam submetidos. O Collegio Evolução de Pelotas, por exemplo, cumpria, segundo ele próprio anunciava, com “as exigências da moderna pedagogia”, ao separar os alunos do primário e do secundário, como apresentado nesta propaganda²:

² Ao longo deste estudo, em função da legibilidade, partes dos textos dos anúncios foram destacadas em caixas de texto. Além disso, a grafia original dos textos foi mantida.

COLLEGIO
EVOLUÇÃO

Os directores deste estabelecimento de instrucção participam aos Srs. chefes de familia que, no intuito de melhor satisfazer ás exigencias do ensino, separaram completamente o curso primario do secundario, passando aquelle a funcionar no sobrado fronteiro á sede do collegio.

Sendo palpaveis as vantagens d'esta separação pela ausencia de contacto entre maiores e menores, e ainda mais facilitando a boa ordem d'um estabelecimento n'estas condições, esperam os directores que o publico n'isso veja o cuidado que tomam pelos interesses da casa por elle generosamente favorecida.

Confiados em que mais este sacrificio será levado em conta dos muitos até aqui empregados para elevar o seu estado e a altura dos creditos desta cidade, os directores empenhar-se-ão constantemente em perseguir o alvo de suas aspirações — um collegio com todas as exigencias da moderna pedagogia.

Os directores,
José Stott.
Luiz C. Massot

N. 212 3—3

Os directores deste estabelecimento de instrucção participam aos srs. chefes de familia que, no intuito de melhor satisfazer as exigências do ensino, separaram completamente o curso primario do secundario, passando aquelle a funcionar no sobrado fronteiro á sede do collegio. Sendo palpáveis as vantagens d'esta separação pela ausência de contacto entre maiores e menores, e ainda mais facilitando a boa ordem d'um estabelecimento n'estas condições, esperam os directores que o publico n'isso veja o cuidado que tomam pelos interesses de casa por elle generosamente favorecida. Confiados em que mais este sacrificio será levado em conta dos muitos até aqui empregados para elevar o seu estabelecimento a altura dos créditos desta cidade, os directores empenhar-se-ão constantemente em perseguir o alvo de suas aspirações — um collegio com todas as exigências da moderna pedagogia. Os directores José Stott e Luiz C. Massot.

Figura 1 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 1/4/1886.

Com relação à estrutura física das escolas, foram encontrados dois anúncios que ilustram a fachada da instituição. Em uma propaganda do Collegio Evolução, além da ilustração, aparece a descrição do prédio. O texto chama a atenção para o fato de que esse ocupava duas casas, possuindo três grandes pátios que possibilitavam separar os alunos por idade. Nota-se, novamente, a preocupação por parte da escola em separar os alunos, diferentemente de outras instituições. O texto permite também perceber que os alunos poderiam ser separados nos momentos de lazer.



COLLEGIO EVOLUÇÃO

(Fundado na cidade de Felotas em Janeiro de 1886)

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria reabre suas aulas a 9 de Janeiro p.f. Funciona, á praça da Igreja, em dous espaçosos edificios, que dispõem de tres grandes pateos para jogos e recreios dos alumnos separados segundo as idades.

Admitte alumnos internos, semi-externos, sendo as contribuições pagas por trimestres adiantados nas condições seguintes:

Internos secundarios	450\$
Idem primarios	420\$
Semi-externos secundarios	300\$
Idem primarios	270\$
Externos secundarios	50\$
Idem primarios (1º grão)	47\$
Idem primarios (2º grão)	25\$

Todo o alumno pagará a 1ª vez annual de 6000 para o fornecimento de papel, penhas, tinta, etc. e o interno a de 40000, por uma só vez, correspondente ao uso da mobilia do dormitório durante sua permanencia no collegio.

N.B. — Não se fará desconto algum por férias ou ausencia de alumnos.

Distribuição dos trabalhos

CURSO PRIMARIO (1º grão)— Lettura pelo methodo João de Deus, lingua moçambicana, arithmetico mental, calculo, arithmetico mental, calligraphia, desenho linear, lições de consas.

2º grão. — Lettura de prosa e verso, grammatica portugueza, arithmetica pratica, calligraphia.

Os directores: — Affonso Massot — Luiz Carlos Massot.

N. 562

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria reabre as aulas a 9 de janeiro p.f. Funciona, á praça da igreja, em dous espaços edificios, que dispõem de três grandes pateos para jogos e recreios dos alumnos separados segundo as idades [...]

Figura 2 – Anúncio do Collegio Evolução.

Ressalta-se que somente foram encontrados, nos anúncios, imagens de duas fachadas dentre as tantas escolas que funcionaram em Pelotas no período pesquisado. Causou estranheza o fato de, por exemplo, o Gymnasio Pelotense não publicar sua fachada, uma vez que possuía prédio próprio – um palacete que pertencia à família Ribas e que fora adquirido pela Maçonaria. Esse prédio, no final do século XIX, chegou a abrigar membros da família real em visita a Pelotas. O espaço ocupado pelo Gymnasio Pelotense apresentava, portanto, um diferencial em relação outros existentes na cidade. Essa escola, entretanto, apesar de não apresentar o prédio, discorria, nas propagandas, sobre as suas características singulares.

Convém destacar que foi possível perceber, com a pesquisa, que muitas instituições mudaram seu endereço ao longo dos anos. Um exemplo disso é a Escola Allemã/Deutsche Schule que, em 1902, se localizava na Rua General Osório, em 1904, tinha como endereço a Rua Felix da Cunha e no ano de 1906, mudou-se para a General Netto. Os textos dos anúncios revelam, então, que muitas delas alugavam espaços para desenvolver as atividades da educação não possuindo, portanto, o seu próprio prédio. Com isso, as aulas particulares e os colégios representam segundo Faria Filho e Vidal (2000, p.22), uma “multiplicidade de modelos de escolarização realizados nas escolas do século XIX”, em que “todos eles, com exceção dos colégios, utilizavam espaços improvisados nas casas das famílias ou dos professores e de prédios públicos ou comerciais”.

Por outro lado, aquelas escolas que divulgavam sua estrutura física apresentavam um discurso sobre qualidade, tradição, além de reforçar a identidade pretendida por elas. Esse discurso auxiliava na construção de um sentimento de pertencimento, pois além de um nome e de professores competentes, a instituição possuía um marco que lhe identificava dentro do espaço urbano pelotense. Esse é o caso do Lyceu Rio-Grandense observado na próxima propaganda.



No cliché acima reproduzimos a vista do Lyceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária desta cidade, importante estabelecimento de instrução, e um dos melhores ornamentos do município. [...] as aulas do Lyceu são espaçosas e arejadas e estão mobiliadas pelo moderno systema das escolas. [...] O edificio da Escola Pratica ha pouco foi reformado e apresenta o melhor aspecto [...]

Figura 3 – Anúncio do Lyceu Rio-Grandense.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 1/1/1893.

Com relação à localização das instituições, conforme destacado nos anúncios, ministravam-se, em sua maioria, na zona central nas principais ruas da cidade – que aos poucos melhoravam suas condições de saneamento e urbanização. A preocupação com “exigências higiênicas” que atendessem às expectativas das famílias dos alunos era constantemente apontada nos anúncios, como apresentado a seguir:



Figura 4 – Anúncio da Escola Moderna.
Fonte: JORNAL DIÁRIO POPULAR, 3/3/1898.

Em Pelotas, o pensamento higienista foi difundido no contexto das discussões sobre o saneamento da cidade, debate que ganhou força justamente na transição do final do século XIX para o início do século XX. Como em outras cidades do Brasil, o progresso e o

crescimento urbano acelerado resultaram em obras de saneamento. Como afirma Soares (2001, p.3), “o triunfo dos postulados positivistas de ordem e progresso com a proclamação da república foi o sinal da abertura definitiva do caminho para a penetração social das idéias higienistas”. Conforme Faria Filho (2000, p.147):

o desenvolvimento dos saberes científicos, notadamente da medicina e, dentro dessa, da higiene, e sua aproximação do fazer pedagógico, vão influir decisivamente na elaboração da necessidade de um espaço próprio para a escola. Ao mesmo tempo em que elaboravam uma contundente crítica às péssimas condições das moradias e dos demais prédios para a saúde da população em geral, os higienistas acentuaram sobremaneira o mal causado às crianças pelas péssimas instalações escolares. Além disso, expunham o quanto a falta de espaços e materiais **higienicamente concebidos** era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos (grifo do autor).

Ao analisar os anúncios, foi possível identificar a localização de parte das instituições de ensino. Algumas apresentavam o endereço como um elemento meramente informativo; outras exploravam a localização da escola como mais um diferencial de qualidade e de preocupação com a comunidade, além de respeito às exigências de higiene da época.

Investigando-se os anúncios, com todos os endereços encontrados, pode-se inferir que a rua General Victorino e a rua do Imperador (hoje Anchieta e Félix da Cunha, respectivamente) tiveram, ao longo dos anos investigados, uma concentração maior de instituições. Aparecia, nos discursos das escolas aí instaladas, que essas se localizavam em ruas com “melhores condições higiênicas”.

No relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 2 de setembro de 1904, pelo Intendente José Barbosa Gonçalves, há um quadro demonstrativo dos calçamentos e recalçamentos efetuados durante o ano de, 1903 em Pelotas. Das ruas contempladas com o serviço de construção de novos calçamentos a rua General Victorino, entre General Telles e Tiradentes, obteve investimento neste setor pela então intendência na ordem de 619,60 m² e pela iniciativa particular num total de 937,29 m². Foi a rua em que mais se investiu no ano de 1903.

Ainda com relação à rua do Imperador, em 1869, o português Augusto de Pinho, em uma viagem realizada ao sul do Brasil, destacou, no seu diário de viagem, o que percebera sobre os aspectos urbanos de Pelotas. Entre seus escritos foi possível encontrar o seguinte:

o arruamento de Pelotas é talvez o mais bem traçado que possui o Imperio do Brazil, e bem poucas cidades da Europa o terão tão perfeito e regular. Dezoito ruas de boa largura e quatro praças muito bem alinhadas, são o que por enquanto pode-se chamar – cidade. [...] A rua do Imperador conta entre os seus melhores prédios, o da residência do Sr. commendador Ribas [...] A cidade que já conta com um bom número de prédios, virá em pouco a tornar-se mais bella, pois que o

gosto pelas boas construções começa ali a desenvolver-se rapidamente (PINHO, 1872, p.48-50).

No Relatório da Intendência de 1906, analisou-se um quadro comparativo das edificações e reedificações que ocorreram em Pelotas de junho de 1895 a junho de 1906. As ruas que tinham um maior número de edificações ao longo dos anos analisados foram: Manduca Rodrigues – atual Professor Araújo – (58 edificações), Quinze de Novembro (51), Marechal Deodoro (50), Paysandú – atual Barão da Santa Tecla – (47), General Osório (35), General Victorino (34). Essas ruas foram escolhidas por muitos dirigentes de instituições de ensino que ali fixaram os seus colégios.

Quanto ao porte das instituições escolares, torna-se necessário realizar uma pesquisa mais ampla e aprofundada, mas alguns dados que podem dar pistas acerca da estrutura de determinadas instituições foram encontrados. Por exemplo: o número de alunos e de professores e a importância destes no cenário educativo local; o preço cobrado pelos trimestres; o número de disciplinas oferecidas e o número de diretores que a instituição possuía.

Mesmo entendendo que esse foi um momento em que não era comum a construção de prédios escolares, foi importante perceber que, para este fim, eram alugadas construções de pessoas reconhecidas pela comunidade pelotense, em espaços urbanos também privilegiados, como muitas vezes divulgado nas propagandas encontradas. Segundo Faria Filho (1998), esta:

é uma cultura escolar que dialoga com a cultura urbana, criando e/ou se apropriando de representações sobre o conjunto do social a partir do seu lugar específico na cidade. É a cultura de uma escola que se localiza, literal e simbolicamente, no centro, visando a influenciar os "poderes constituídos" e, neste movimento, constituir-se como um poder de influência sobre os "outros", sobre aqueles que se localizam na periferia (Grifos do autor).

Salienta-se que este foi um momento em que as escolas buscavam melhores condições higiênicas para desenvolverem o seu trabalho e respeitar a legislação, mas também usavam o espaço urbano como um diferencial, ajudando, portanto a construir as representações de um espaço público que estava em construção: a cidade de Pelotas.

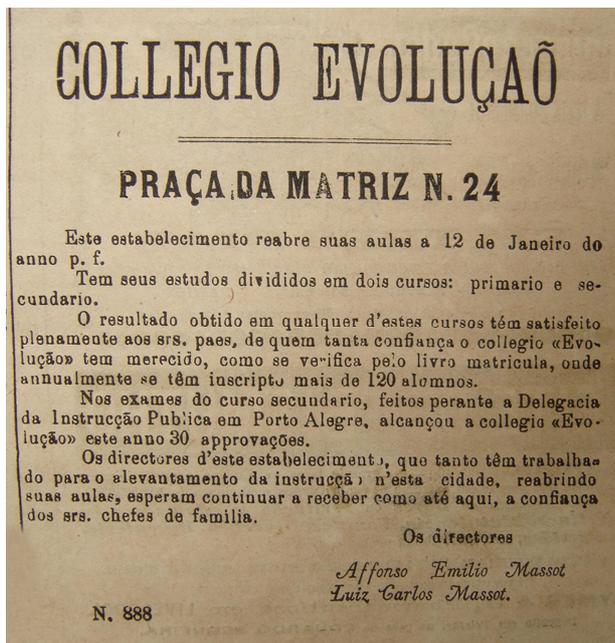
Durante o estudo deparou-se também com o fato de que, em diferentes anos, escolas distintas ocuparam o mesmo prédio – provavelmente porque este apresentava condições para o desenvolvimento das atividades relacionadas à educação. Ao analisar os dados verificou-se que o Collegio Pelotense, em 1876, localizava-se na rua do Imperador n.38, assim como veio a ocupar o mesmo endereço, no ano de 1887, o Atheneu S. João, nos números 36, 38 e 40. O mesmo ocorreu com o Lyceu Municipal que, em 1889, tinha como endereço a rua do Imperador n.165, que veio a ser ocupada

em 1893 pelo Collegio Comercial e, no ano de 1904, pela Escóla Allemã/Deutsche Schule – na então rua Félix da Cunha n.165.

Houve, também, a ocorrência de instituições que utilizavam prédios vizinhos. Exemplo disso é o Collegio Comercial que, em 1904, tinha como endereço a rua Félix da Cunha n.163, dividindo o espaço urbano com a Escóla Allemã/Deutsche Schule – na então rua Félix da Cunha n.165. O Collegio Comercial também chamou atenção pela quantidade de vezes em que se mudou, sempre se localizando na mesma rua: Félix da Cunha nos números 129 (1886), 165 (1893), 249 (1895), 184 (1903), 163 (1904). Os motivos da mudança não apareceram nos anúncios, mas acredita-se que poderiam estar ligados ao número de alunos que crescia ou diminuía – tornando necessário um espaço maior ou menor; à relação de gastos com o aluguel; e à própria necessidade de se adequar às condições de higiene. Ao se observar os dados da pesquisa entendeu-se que essa era uma característica do período investigado: as constantes mudanças das escolas no espaço urbano.

Isso foi verificado em muitas propagandas que divulgavam que o endereço de determinadas instituições seria provisório – possivelmente porque necessitavam saber o número de alunos matriculados para, então, definir o tamanho do prédio a ser ocupado e o que gastariam de aluguel com o mesmo. Esse fato deixa evidenciado que, naquele momento, essas instituições de ensino não tinham um espaço físico próprio. Essa realidade, enfrentada pelo ensino privado, poderia ocorrer em função da deficiente oferta de espaços adequados para aluguéis. Conforme foi apontado por Werle (2005, p.87), com relação ao ensino público no Rio Grande do Sul, “em lugares mais populosos a disputa por espaços residenciais era maior o que tornava mais altos os aluguéis das casas em que funcionavam as escolas”.

Já sobre o número de alunos que cada instituição abrigava, algumas propagandas apontavam a quantidade máxima de discentes permitida para a matrícula; outras não davam pistas da capacidade da escola. O que se percebeu foi que, provavelmente, algumas instituições de ensino divulgavam o número total de alunos ao somar a quantidade de matriculados em cada disciplina oferecida. Com isso, a quantidade seria bem maior do que o número real de alunos freqüentando a escola. Isso porque um aluno poderia cursar mais de uma disciplina. O Collegio Evolução, por exemplo, apresentou, no anúncio que segue, que o número anual de alunos chegou a 120. Isso significa que, ao longo de quatro trimestres, 120 matrículas foram efetuadas no colégio, não necessariamente por 120 alunos. Isso porque poderiam ser, por exemplo, 30 alunos que se matricularam durante quatro trimestres.



[...] O resultado obtido em qualquer d'estes cursos têm satisfeito plenamente aos srs. paes, de quem tanta confiança o collegio Evolução tem merecido, como se verifica pelo livro de matricula, onde annualmente se têm inscripto mais de 120 alumnos [...]

Figura 5 – Anúncio do Collegio Evolução.
Fonte: JORNAL A DISCUSSÃO, 1/4/1886.

Outras instituições davam a entender que o número de alunos divulgado era de fato freqüentado trimestralmente no colégio. Esse é um elemento que dá pistas do tamanho da instituição, já que algumas publicavam que 60 seria a quantidade máxima de matrículas. Esse número seria dividido em duas turmas do ensino primário, acrescido de dez matrículas para o nível secundário, como foi descrito no anúncio da Escola Moderna encontrado no Jornal Diário Popular de 9/1/1898. Um caso em que a quantidade de alunos divulgada era significativa, se comparada com a de outras instituições, refere-se ao Collegio São Francisco de Paula, que se dispunha a receber um número superior a 100 alunos.

COLLEGIO S. FRANCISCO DE PAULA

103 RUA GENERAL VICTORINO 103

Director : Washington da Camara Barcellos

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, situado no centro da cidade com espaço sufficiente para recreio dos alumnos e acompanhado de todas as circumstancias hygienicas, tem capacidade para receber numero superior a 100 discipulos.

MATERIAS DO ENSINO

Ensino primario

Leitura prosa e verso de autores classicos, de letra manuscrita; grammatica oral e analyse oral e escripta; as quatro operações de arithmetica, e sua applicação ao systema metrico decimal; orthographia theorica e pratica e geographia physica.

Curso secundario

Exercícios de analyse oral e escripta, dos classicos adoptados para o curso de preparatorios; grammatica; physica acomodada ao idioma vernaculo, francez, ensino theorico e pratico; ingez latin, rethorica geographia physica e astronomica, algebra, geometria e escriptura mercantil; esta disciplina é a parte e depende de convenio com os Srs. pais.

Professores

Carlos A. Laquintino, Emerik Royal, Francisco de Paula Maiwal, Luiz Carlos Massot, Alfredo Ferreira Roiz, Mario de Paula Couto e o director.

Pensões por trimestre adiantadas

Pensionista secundario	440\$000
Dito primario	420\$000
Meio dito, tanto primario como secundario	75\$000
Externa secundario	30\$000
Dito primario	15\$000

Os alumnos, cujos pais residirem fóra da cidade, deverão ter um correspondente com quem se possa entender o director quando fór necessario.

O mez das fériãs não soffrerá desconto algum e nenhuma restituição se fará no alumno que se retirar do collegio depois de começado o trimestre.

Este programma que apresento e me comprometo a cumprir conscienciosamente, penso agradará aos Srs. pais preparando seus filhos para um curso superior em qualquer academia.

O resultado que o collegio acaba de obter dos alumnos que responderam a exames na instrucção em Porto Alegre bem demonstra o zelo e dedicacão dos professores d'este collegio.

Isso que respeito a boa ordem, disciplina e moralidade do estabelecimento, nada ha que receiar, pois o director em pessoa assiste ao estudo e recreio dos alumnos.

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, situado no centro da cidade com espaço sufficiente para recreio dos alumnos e acompanhado de todas as circumstancias hygienicas, tem capacidade para receber numero superior a 100 discipulos [...]

Figura 6 – Anúncio do Collegio São Francisco de Paula.
Fonte: JORNAL A NAÇÃO, 16/1/1894.

Ainda que o colégio não tenha deixado claro se era anual a capacidade de recebimento de alunos, o fato de tornar público que poderia abrigar uma população superior a 100 alunos e que possuía espaçosos pátios, além condições higiênicas favoráveis para receber os discentes, permite constatar aspectos sobre a estrutura física da escola, bem como sobre o que era oferecido aos alunos com relação a um tipo de ambiente escolar, existente na cidade de Pelotas, no período estudado.

Diante do todo exposto, ao analisar-se os traços da cultura material escolar, em especial a estrutura física das escolas e o espaço urbano pelotense, foi possível perceber as representações produzidas pelos agentes e profissionais da educação sobre o espaço escolar que ocupavam e, conseqüentemente, sobre o espaço urbano pelotense. Nos seus discursos estavam presentes não só as qualidades da rua e do prédio que ocupavam, mas, também, em alguns casos, os seus antigos proprietários e seus vizinhos – que, por serem pessoas conhecidas na cidade, eram usados como referência do local. Esses elementos, por sua vez, auxiliam a compreender como o ambiente escolar se estruturava na virada do século XIX para o século XX.

Considerações Finais

Com base nos dados das propagandas institucionais do período que se investigou, constatou-se que naquele momento estava sendo constituído, pouco a pouco, um sistema de educação – não só em Pelotas como no Brasil – em que o ensino saía de dentro das casas, como prática do ensino privado, para, aos poucos, serem formadas instituições de ensino, cujas estruturas iam sendo modificadas com o passar dos anos. Essa alteração dá subsídios para se pensar a cultura material escolar nesse período – partindo-se do pressuposto de que, de alguma forma, essa cultura tenha sido contemplada pelas propagandas das instituições de ensino expostas neste estudo. Isso porque os anúncios dão pistas, em muitos momentos, acerca da arquitetura e da organização escolar dentro dos espaços destinados à educação – que eram privados e que se tornavam públicos mediante a exposição nas propagandas.

Por fim, com relação à localização das escolas, não foi possível mapear uma distribuição geográfica exata, respeitando os zoneamentos dessas – com base nos endereços indicados nos anúncios – uma vez que a grande maioria dos colégios não informava entre que ruas se situavam. Buscou-se documentos que contivessem a numeração dos prédios nesse período, mas esses dados não foram obtidos. Ainda assim, acredita-se que é possível fazer uma procura mais criteriosa nesse sentido, tentando encontrar dados mais específicos sobre as ruas no período analisado. Entende-se que os dados levantados podem contribuir para a localização exata dos prédios, permitindo, então, verificar se ainda existem no espaço urbano pelotense. Essas informações, caso encontradas, trarão elementos mais concretos sobre a estrutura dos estabelecimentos de ensino – um tema importante para a construção do ambiente histórico-espacial da educação pelotense.

Referências

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.
- CRATO, Nuno. **Comunicação Social A Imprensa – Iniciação ao Jornalismo**. São Paulo: Presença, 1992.
- ESCOLANO, Agustín. **Presentación**. In: Cien Años de Escuela em España (1875-1975). Salamanca: Kadmos, 1990.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de.. **Dos Pardieiros aos Palácios – cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões**. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, nº1,v.24, Jan/Jun, 1988.
- _____. VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Revista Brasileira de Educação nº14, Mai/Jun/Ago, p.19-33, 2000.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. nº0, Set/Out/Nov/Dez, p.63-82, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2007.

LONER, Ana Beatriz. **Construção de Classe – Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – Um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

NÓVOA, António. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório Português. In: CATANI, Denice Bárbara.; BASTOS Maria Helena Camara. **Educação em Revista – A imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

PINHO, Augusto de. **Uma viagem ao Sul do Brazil**. Rio de Janeiro: Typographia F. A de Souza, 1872.

RAGAZIM, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação**. Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28.

REVERBEL, Carlos. **Um Capitão da Guarda Nacional – vida e obra de J. Simões Lopes Neto**. Caxias do Sul: Martins Livreiro, 1981.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Modernidade Urbana e dominação da Natureza: O Saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX**. História em Revista, Pelotas, n.7, 2001. Disponível em: <<http://ich.ufpel.edu.br/ndh/revista.htm>> Acesso em: 9 set. 2005.

SOUZA, Mariana Pecoraro de.; GATTI JÚNIOR, Décio. **História da Educação e Instituições Escolares: Aspectos Teórico-Metodológicos**. Revista HISTEDBR ONLINE, n.15, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html>> Acesso em: 19 set. 2005.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. **Coletânea de Leis sobre o ensino primário e secundário no Período Imperial Brasileiro**. Pelotas: Seiva, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Instrução Pública e configuração do Mundo Urbano**. História da Educação. ASPHE. Pelotas: Editora da UFPel, n.18, p.83-95, Set.2005.

Fontes Documentais

Jornal A Discussão, 1/4/1886.

Jornal A Discussão, 1/4/1886.

Jornal A Nação, 16/1/1894.

Jornal Diário de Pelotas, 1/1/1888.

Jornal Diário Popular, 1/1/1893 - 3/3/1998